XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

EDITORA GLOBO

ALI BABÁ E OS 40 LADRÕES

O PEQUENO POLEGAR

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

ALI BABÁ E OS 40 LADRÕES
pág. 1

"Abre-te, Sésamo!" Essas são as palavras mágicas que abrem a porta de uma grande caverna na montanha. É lá que fica o esconderijo do terrível bando de quarenta ladrões que rouba as cidades da antiga Pérsia, país que hoje se chama Irã. Dentro da caverna estão sacos e sacos de moedas de ouro e prata, jóias, tapetes e almofadas bordadas com diamantes. Um dia, um garoto chamado Ali Babá viu por acaso os quarenta ladrões chegando à montanha e ouviu o chefe deles dizer as palavras mágicas. Depois, Ali Babá não resistiu. Quando ficou sozinho, aproximou-se da porta da caverna e gritou: "Abre-te, Sésamo!". A porta de pedra abriu e Ali Babá entrou. Mal sabia que naquele momento começava a se meter em confusões e aventuras de arrepiar.

O PEQUENO POLEGAR
pág. 25

A história que você vai ler agora começa de um jeito bem triste. Um casal, com sete filhos, foi ficando cada vez mais pobre, até que não tinha dinheiro nem para comprar comida. Mesmo sofrendo, os dois resolveram levar os filhos para a floresta e abandoná-los num lugar bem distante, esperando que alguém encontrasse as crianças e tomasse conta delas. O filho mais novo era chamado de Pequeno Polegar, porque ele era bem pequeno mesmo. Pequeno e esperto. E acabou cabendo a ele o trabalho de escapar dos perigos da floresta e proteger os irmãos de um bruxo malvado e poderoso. Mas não foi nada fácil, como você vai ver.

Xuxa

EDITORA GLOBO

CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0918-0 (volume 11)

Ali Babá e os quarenta ladrões

Ilustração: Ferri

Há muito tempo, viviam numa cidade da Pérsia dois irmãos. O mais velho se chamava Cassim e era casado com uma mulher muito rica. Por isso, não precisava trabalhar. Passava o dia inteiro deitado em almofadas, sonhando com o que ia comer dali a pouco.

O irmão mais novo se chamava Ali Babá e era muito pobre. Trabalhava de manhã à noite, na floresta, cortando lenha para sustentar a mulher e o filho.

Um dia, Ali Babá foi cortar lenha
perto de uma montanha. Nem bem começou
a trabalhar, escutou uma barulheira
de homens gritando e cavalos correndo.
Então, viu que um bando de mal-encarados
se aproximava a toda velocidade.

— São quarenta ladrões! —
disse ele. — Preciso me esconder!

Mais que depressa, subiu numa árvore
muito alta e ficou esperando que
os ladrões passassem logo. Mas, em vez
de passar, eles pararam bem embaixo
do esconderijo do lenhador. Desceram
dos cavalos e andaram até a montanha.

Mustafá, o chefe do bando, parou na frente de uma rocha e gritou:

— Abre-te, Sésamo!

No mesmo instante, a montanha se abriu e os quarenta homens entraram, levando nas costas sacos e trouxas que pareciam pesados como chumbo.

Escondido no alto da árvore, Ali Babá só espiava.

Depois de um tempo, os ladrões voltaram, sem trouxas nem sacos. Então, o chefe cruzou os braços e gritou:

— Fecha-te, Sésamo!

Pronto: a montanha se fechou. E os homens foram embora. Ali Babá esperou até a poeira dos cavalos sumir. Então, desceu da árvore, parou na frente da montanha e falou igualzinho ao chefe dos ladrões:

— Abre-te, Sésamo!

A montanha se abriu. Meio assustado, o lenhador entrou devagar. E teve a maior das surpresas!

A montanha guardava
um tesouro de dar
inveja até a um rei.
Eram vasos e potes
de ouro e prata,
moedas e jóias do
maior valor,
além de lindas
almofadas bordadas
com pedras preciosas.

— Puxa! Que fortuna! — exclamou Ali Babá. — Acho que eles não vão nem perceber se eu levar um pouco.

O lenhador encheu depressa uns quatro sacos de moedas. Depois, buscou as três mulas que todo dia carregavam a lenha para ele. Amarrou os sacos no lombo dos animais, agarrou um pote cheio de moedas e saiu.

— Fecha-te, Sésamo! — disse, cruzando os braços.

Assim que a montanha se fechou, ele correu para casa.

Assim que chegou, Ali Babá foi contar a novidade para a mulher. Ela, então, foi correndo até a casa da cunhada e pediu emprestado um pote que servia para medir grãos de trigo. Na verdade, a mulher queria medir o ouro de Ali Babá.

Mas a curiosa cunhada desconfiou de alguma coisa e lambuzou o fundo do pote com gordura.

"Assim, um pouco do que eles medirem fica grudado. E eu descubro o que é", pensou ela.

Durante o resto do dia, Ali Babá
e a mulher ficaram medindo as
moedas de ouro e prata. Punham
uma porção dentro do pote,
despejavam no chão e espetavam
uma vareta com um trapinho colorido
que indicava a quantidade.
À tardinha, terminaram
de medir tudo e a mulher foi
devolver o pote para a cunhada.
Não percebeu que uma bela
moeda ficara grudada no fundo.

A primeira coisa que a cunhada espiou foi o fundo do pote. E, quando viu a moeda grudada na gordura, foi correndo mostrar para o marido:

— Veja só o que o seu irmão andou medindo!

Cassim olhou, coçou a barba e disse:

— Como? Mas Ali Babá não tem onde cair morto!

Intrigado, Cassim resolveu ir no mesmo instante falar com o irmão, e exigir que ele contasse onde tinha arrumado aquele ouro.

Ali Babá não viu mal nenhum em contar para o irmão toda a história da caverna. O outro ouviu com atenção até o fim. Então, saiu em disparada e foi para a floresta. Quando chegou diante da montanha, abriu os braços e falou:

— Abre-te, Sésamo!

Dali a um segundo, ele estava dentro da caverna atulhada de riquezas.

— Fecha-te, Sésamo! — disse, com medo de que alguém o encontrasse ali.

Cassim ficou na caverna até tarde da noite.
Mergulhava nas moedas e enchia sacos de ouro.
Quando resolveu ir embora, abriu a boca para dizer
as palavras mágicas, mas não se lembrou do nome.
— Abre-te, César — falou. — Não... Deixe ver...
Abre-te, Celso. Também não é... Abre-te, Sétimo...
Ficou lá até de madrugada, tentando. Até que os ladrões
chegaram e avançaram para cima dele, de espada em punho.

A mulher de Cassim esperou por ele quatro dias
e quatro noites. Depois, desesperada,
correu para a casa do cunhado e contou toda a história.

— Vá ver o que aconteceu — pediu, no fim.

— Não se preocupe, eu vou — respondeu o lenhador,
pensando com os seus botões que, a uma hora daquela,
os ladrões com certeza já tinham matado o intruso.

Ali Babá esperou anoitecer. Então, montou na mula
e foi até a caverna. Mas lá só encontrou o cadáver de
Cassim, caído entre potes de moedas de ouro.

— Coitado... — suspirou, enxugando uma lágrima.

Depois de chorar um pouco pelo irmão, Ali Babá
embrulhou o cadáver no tapete mais bonito dali.
Então, colocou o embrulho no lombo da mula
e tocou para a casa da cunhada.

— Os ladrões mataram Cassim — disse ele. —
Mas não conte pra ninguém. Senão, os bandidos ficam
sabendo que ele era nosso parente e matam a gente também.

— Oh, coitada de mim! — lamentou-se a cunhada.

O lenhador, então, fez com que ela prometesse
não comentar o fato com mais ninguém.

A mulher obedeceu. E Ali Babá foi conversar com a
empregada dela, uma moça esperta chamada Morgana.

— Espalhe para toda a vizinhança que seu patrão
está muito doente — recomendou ele. — Deixe que te
vejam comprando remédios. E faça uma cara bem triste.

Ali Babá disse ainda que a moça deveria dar a notícia da morte de Cassim somente dali a três dias. Morgana concordou com tudo, mas levantou um problema.

— A gente precisa chamar um homem para costurar a mortalha — disse ela. — Mas ele vai descobrir que o coitado morreu faz tempo. E que morreu de espadada. E não de doença, como eu teria contado.

Após pensar um pouco, a própria moça acabou achando uma solução:

— Sabe o que farei? Vou buscar um alfaiate no outro lado da cidade e o trarei com os olhos tapados, para que ele não véja nem o caminho, nem a casa!

— Boa idéia, Morgana! — vibrou Ali Babá. — Eu sempre disse que você era esperta!

E, assim, tudo correu às mil maravilhas, conforme o combinado. Ou quase tudo.

No dia do enterro de Cassim,
os ladrões foram à caverna.
E, surpresos, descobriram
que o corpo desaparecera.
Começou então uma grande
confusão entre os membros
do bando, para saber quem
tinha escondido o corpo.
Mustafá, o chefe, berrou:
— Chega de discussão!
Onde está o corpo do homem?
— Chefe... nós não voltamos
aqui desde aquele dia... —
disse um dos ladrões.
— Então, o caso é grave.
— falou Mustafá. Alguém
entrou na caverna e carregou
o corpo. Isso quer dizer que
mais gente conhece o nosso
segredo.

O ladrão mais esperto do bando se ofereceu para ir até a cidade, disfarçado de gente honesta, investigar aquele mistério. Mustafá gostou da idéia e permitiu.

O ladrão se disfarçou o melhor que pôde. E dali a pouco estava na cidade, conversando justamente com o homem que tinha costurado a mortalha de Cassim. O velho contou como Morgana o levou à casa do morto. Depois de muito insistir, o ladrão convenceu o alfaiate a tapar os olhos e a fazer o mesmo caminho.

Quando os dois chegaram à casa, onde agora moravam também Ali Babá e a família, o ladrão pegou um giz e fez uma cruz na porta. Então, recomendou ao velho que ficasse de boca fechada e foi embora.

No dia seguinte, logo cedo, Morgana foi varrer a frente da casa. E viu o sinal na porta.

"Isso só pode ser coisa dos ladrões", percebeu ela. Para confundir os bandidos, a moça saiu correndo pelas ruas e marcou com uma cruz branca quase todas as casas da cidade.

Quando os ladrões chegaram, no meio da noite, não conseguiram descobrir qual era a casa certa. Dias depois, outro ladrão fez uma cruz vermelha na porta da casa de Cassim. E Morgana, mais uma vez, desenhou novas cruzes em todas as casas da cidade.

Os ladrões tinham feito tanta confusão a troco de nada, que o chefe resolveu agir sozinho. Pôs um disfarce de homem honesto, foi para a cidade, falou com o velho da mortalha e pediu para ele levá-lo à casa de Ali Babá. Olhou bem todos os detalhes, para guardar na cabeça. Depois voltou para a caverna e disse aos ladrões:

— Amanhã de manhã, vou comprar vinte mulas e quarenta sacos de couro. Num deles a gente coloca azeite. Vocês se escondem nos outros.

— Pra quê? — perguntaram todos de uma vez.

— Pra entrar na casa do homem, seus bobocas! — gritou o chefe. — Escutem bem o plano. Eu me apresento lá como vendedor. Ele me recebe e vocês ficam no quintal, dentro dos sacos. Quando eu achar que está na hora, chamo vocês e a gente mata todo mundo.

No outro dia, ao cair da tarde, o falso vendedor de azeite chegou à casa de Ali Babá.

O próprio Ali Babá foi atender.

— O que o senhor deseja?

— Estou vendendo quarenta sacos de azeite de primeira por um preço que é uma pechincha — disse o homem. — Quer comprar?

Ali Babá olhou para as mulas carregadas e achou que podia fazer uma boa compra. Mas estava na hora do jantar, e ele não gostava de fazer negócios de barriga vazia.

— Estou interessado, sim. Mas prefiro discutir o assunto depois do jantar — falou.

— Tudo bem. Eu espero o senhor aqui fora — respondeu o bandido.

— Nada disso — protestou Ali Babá. — Guarde os sacos no quintal e venha jantar comigo.

O ladrão guardou os sacos de couro e foi para a sala. Enquanto conversava animadamente com Ali Babá, as lâmpadas começaram a ficar cada vez mais fracas. Morgana viu e tratou de ir buscar mais azeite para aumentar a luz. Mas o estoque da casa tinha acabado.

"O vendedor não vai se incomodar se eu pegar só um pouquinho do azeite dele...", pensou a empregada. "Depois meu patrão paga o que eu usar."

E foi para o quintal, onde estavam enfileirados os quarenta sacos de couro. Assim que escutou os passos dela, um dos ladrões achou que era o chefe e perguntou:

— Está na hora?

Morgana respondeu com voz firme e grossa:

— Ainda não. Espere mais um pouco.

Então, chegou perto de cada saco e escutou com toda a atenção. Ouviu gente respirar em todos eles.

Só no último saco é que ninguém respirava.

"Este tem azeite", pensou a empregada.

Com muito esforço, levou o saco para a cozinha, despejou o azeite num caldeirão e esperou que fervesse. Então, foi pegando o azeite com uma concha enorme e despejando nos trinta e nove sacos onde estavam escondidos os bandidos.

— Agora, seus ladrões malvados, vocês não vão poder fazer mal a ninguém — falou a corajosa Morgana.

Depois que matou os ladrões com azeite fervente, a moça vestiu uma roupa bem bonita, escondeu um punhal na cintura e chamou os músicos da casa.

— Vocês não acham uma boa idéia a gente ir distrair um pouco o patrão e o vendedor? — perguntou.

— Estamos aqui para isso — responderam eles.

— Pois então vamos para a sala.

Dali a pouco, os homens estavam tocando uma alegre melodia e Morgana dançava com entusiasmo.

Mustafá olhava e batia palmas, encantado.

Até que, de repente, a moça deu uma pirueta, tirou o punhal da cintura e o espetou na barriga dele.

— Mas por que você fez isso?! — perguntou o patrão.

— Salvei sua vida, meu patrão! A sua e a de sua família — respondeu Morgana, antes de explicar tudo.

Agradecido, Ali Babá pediu que a moça se casasse com seu filho primogênito. E, no dia do casamento, deu de presente para os noivos uma porção de potes cheios de ouro.

O Pequeno Polegar

Ilustração: Max

Um casal de lenhadores tinha sete filhos, todos meninos. O mais velho estava com doze anos. O menorzinho, de apenas seis, era do tamanho de um dedão, quando nasceu. Por isso, em vez de nome, recebeu só um apelido: Pequeno Polegar. Depois, até que cresceu um pouco, mas continuou sendo bem miudinho para a idade dele.

O Pequeno Polegar quase nunca falava. E, de tanto vê-lo quieto, algumas pessoas pensavam que ele era meio bobo. Mas não era, não. O menino tinha uma inteligência incrível e trabalhava mais que muita gente grande.

Toda manhã ele e a família iam cortar lenha na floresta para vender na cidade. Mas não tinham muitos fregueses, de modo que mal conseguiam ganhar o bastante para não passar fome.

Os negócios pioravam cada vez mais, e uma hora os pais dos meninos se viram sem dinheiro até para comprar comida.

— Só temos pão para três dias — disse a mulher. — O que vai ser das crianças?

O lenhador pensou bem e decidiu:

— O jeito é soltar os meninos na floresta. E rezar para que achem alguém que tome conta deles.

A mulher, coitada, só chorava, sem dizer nada. Ela não queria se separar dos filhos, mas também não queria que passassem fome.

— Amanhã, vamos cortar lenha bem longe — disse o marido. — E, quando os garotos se distraírem, sairemos sem que percebam. Eles não vão saber voltar para casa.

Escondido embaixo do banco, o Pequeno Polegar escutou tudo. Mais tarde, quando todo mundo dormia, saiu pé ante pé e catou uma porção de pedrinhas brancas.

No dia seguinte, a família foi cortar lenha lá no meio da floresta. E o Pequeno Polegar foi largando as pedras pelo caminho.

Quando viu que os filhos se distraíam com o trabalho, o casal se afastou e sumiu.

— Ué... — disse, depois, o irmão mais velho. — Cadê o papai e a mamãe?

Os outros meninos olharam em volta, já meio assustados. Mas o menorzinho os acalmou:

— Eles foram mais para lá, e voltam logo.

Os garotos continuaram trabalhando até quase escurecer. E os pais não voltaram.

— Acho que eles se esqueceram de nós — disse o menino de boné amarelo.

— É mesmo — concordou o mais velho.

— E agora? — perguntou o loirinho. — Como é que nós vamos voltar...?

Cada um olhou para o outro e os seis maiores se abraçaram, chorando.

— Estamos perdidos! — gritavam.

— Não estamos, não — disse o Pequeno Polegar. — Eu marquei o caminho com pedrinhas. Venham atrás de mim.

Os irmãos ficaram espantados com tanta esperteza, mas obedeceram sem piscar. E, quando a noite caiu, estavam bem pertinho de casa, pulando de alegria.

O pai e a mãe ficaram contentes com a volta dos filhos. Mas a alegria durou pouco. Assim que os meninos foram se deitar, caindo de cansaço, o homem disse para a mulher:

— Amanhã, vamos largar essa criançada ainda mais longe.

Outra vez o Pequeno Polegar ouviu a conversa. E, depois que todos dormiram, ele tentou sair para pegar pedras. Mas a porta estava trancada com um cadeado enorme.

O menino não conseguiu sair, mas não desanimou. Tratou de pensar bastante. E achou outra solução.

— Amanhã, eu marco o caminho com o pão que a mamãe vai me dar — resolveu.

E foi dormir também, conformado com a idéia de passar fome no dia seguinte.

De manhã bem cedo, ele ficou no fim da fila. E, enquanto andava, ia partindo o pão e jogando migalhas pelo caminho. Mas os passarinhos da floresta viram a comida. E, esfomeados como são, caíram em cima e devoraram tudo. O Pequeno Polegar nem percebeu.

O pai e a mãe esperaram os meninos se distraírem, e desapareceram. Os garotos viram, mas não ficaram preocupados. Eles pensavam que o menorzinho ia levar todos para casa. Só que desta vez não puderam voltar, porque os passarinhos tinham desmarcado o caminho.

— Agora, estamos perdidos mesmo — choramingaram eles. E, para aumentar o desespero, dali a pouco despencou uma tremenda tempestade. Seis garotos se encolheram embaixo de uma árvore. O Pequeno Polegar subiu num galho e olhou para todos os lados, para ver se encontrava algum lugar onde pudessem se abrigar.

— Está vendo alguma coisa? — perguntou um dos irmãos.

Ele ia dizer que não quando um raio clareou o céu.

— Estou vendo um casarão lá longe — respondeu.

— Oba! — gritaram todos. — Vamos já para lá.

O casarão era de um bruxo que gostava de comer criança. Mas os meninos não sabiam disso e bateram na porta, bem contentes. Por sorte, o bruxo não estava em casa naquela hora. Quem atendeu foi a mulher dele.

— Ah! — exclamou ela, muito nervosa. — Vão embora! O bruxo que mora aqui chega a qualquer momento. E vai comer vocês.

Os meninos olharam uns para os outros, mais assustados que antes. Só o Pequeno Polegar não perdeu a calma.

— O bruxo não está — disse ele. — Então, deixe a gente entrar só um pouquinho, até a chuva parar...

A mulher pensou, pensou, e resolveu deixar os meninos entrarem. Afinal, os coitadinhos estavam encharcados, e o bruxo podia demorar para voltar. Quem sabe não dava tempo até para a criançada secar a roupa e comer alguma coisa?

— Entrem — disse ela. — Vocês estão com fome?

— Estamos... — respondeu o Pequeno Polegar.

— Eu vou esquentar uma sopa para vocês — disse ela. — Enquanto isso, sentem na frente do fogo.

Os garotos obedeceram bem depressa. Mas não tiveram tempo nem de se secar no calor nem de comer, porque dali a pouco alguém abriu a porta da frente.

— É o bruxo — cochichou a mulher para os meninos. — Venham comigo!

Apavorados, os sete correram atrás dela e se enfiaram embaixo de duas camas.

— Fiquem bem quietinhos aí — disse ela. — Eu vou dar comida para o bruxo.

A mulher foi correndo pôr na mesa
uma carne assada e um copo de vinho.
O bruxo começou a comer com um
apetite de gigante. Mas, assim
que forrou o estômago, passou a
prestar atenção e farejar o ar.

— Humm... — resmungou ele. —
Estou sentindo cheiro de menino.
E acho que vem de lá do quarto.

A mulher disse que era impressão dele, mas o bruxo não quis saber. Saiu da mesa e foi procurar os garotos. Logo achou os sete, e o primeiro que agarrou foi o Pequeno Polegar.

— Não faça mal para a gente! — imploravam cinco dos irmãos.

— Socorro! — gritavam os outros dois.

Rindo muito do medo deles, o bruxo disse para a mulher:

— Ande, vá logo fazer um bom ensopado de menino para mim.

— Mas eles são tão magrinhos! — respondeu ela. — Espere até que engordem um pouco...

— Está bem — concordou o bruxo.
— Comece a engordar esses palitos.

A mulher levou os meninos para a mesa e serviu para eles um monte de comida. Mas os pobrezinhos estavam tão apavorados que não conseguiram comer nada.

Vendo que os garotos tinham perdido a fome, a mulher tratou de esvaziar os pratos, para o bruxo não ficar bravo.

Dali a pouco, ele entrou na sala, todo sorridente.

— Que bom! Comeram tudo! — exclamou. — Já devem estar prontos para a panela...

— Ainda não — respondeu a mulher. — Você precisa esperar mais alguns dias, se quiser um bom ensopado.

— Paciência! Eu espero — disse ele. — Dê um gorro para cada um e leve todos para o quarto das meninas.

As meninas eram as sete filhas do bruxo. Cada uma usava sua coroa de ouro. E todas dormiam numa cama enorme. Mas, quando brigavam, dormiam em dois grupos. Por isso havia no quarto duas camas iguais.

A mulher deitou os garotos na segunda cama e saiu. Eles estavam tão cansados que, apesar do medo, logo pegaram no sono. Só o Pequeno Polegar ficou acordado.

"Esse bruxo deve estar aprontando alguma...", pensou ele. E, sem fazer barulho, levantou e trocou os sete gorros pelas sete coroas. Depois, se deitou e esperou.

Lá pela meia-noite, o bruxo entrou no quarto. Ele estava desconfiado que a mulher ainda ia dar um jeito de fazer os meninos escaparem, com aquela história de precisar engordá-los. Por isso, decidiu matar os sete naquela noite.

No escuro, ele foi até a cama dos garotos. Mas, quando tocou as cabecinhas, percebeu que as crianças estavam de coroa. Foi para a outra cama. Apalpou, sentiu a lã macia dos gorros e achou que eram os irmãos. Então pegou a faca e matou as sete bruxinhas.

— Amanhã cedo, mando a mulher preparar o meu ensopado de menino — resmungou. E foi dormir.

O Pequeno Polegar estava prestando muita atenção.
Assim que ouviu o bruxo roncar feito um porco,
acordou os irmãos e cochichou no ouvido de cada um:

— Vamos embora. Eu tapeei o bruxo e ele está
pensando que matou a gente. Mas matou foi as bruxinhas.
Quando descobrir, vai fazer picadinho da gente.

Mais que depressa, os meninos saíram pela janela,
pularam o muro e correram o quanto puderam.

De manhã cedo, o bruxo já acordou lambendo os beiços, só de pensar no ensopado de menino. E falou para a mulher:

— Comece logo a fazer o meu almoço. Acordei com uma fome de cão.

— E o que é que você quer comer? — perguntou ela. — O carneiro que sobrou do jantar?

O bruxo riu e respondeu.

— Não... Os moleques...

— Você matou aqueles coitadinhos? — indagou a mulher, horrorizada.

— Claro. Achei que era bobagem esperar que eles engordassem.

Choramingando de pena dos meninos, a mulher foi até o quarto. E, quando viu uma cama vazia e a outra com as sete bruxinhas mortas, caiu num berreiro de dar dó.

O bruxo não gostou nada daquela choradeira, e foi lá brigar com a mulher. Mas, assim que entrou, viu que tinha matado as próprias filhas em vez dos garotos. E começou a gritar tão alto e com tamanha força que as paredes do casarão chegaram a estremecer.

— Ah, moleques dos infernos! Vocês me pagam!

E gritando, gritando, foi calçar umas botas mágicas que ele tinha. Eram botas de sete léguas, que faziam qualquer pessoa caminhar mais depressa que um carro. Com elas, o bruxo atravessou, num instante, estradas e rios, campos e vilas. Andou para lá e para cá. E nada de encontrar os sete meninos.

— Onde será que aqueles capetas se enfiaram? — perguntou, olhando para tudo que era canto.

O bruxo já estava cansado de caminhar. As botas de sete léguas pesavam que nem chumbo. Então, ele deitou perto de umas pedras e dormiu.

Acontece que os garotos tinham ouvido a gritaria do bruxo e estavam escondidos bem atrás daquelas pedras. O Pequeno Polegar espiava por um vão. Quando viu o malvadão cair no sono, saiu do esconderijo.

"Estas devem ser as tais botas de sete léguas", pensou ele, muito interessado. "Dizem que servem no pé de qualquer pessoa. Vou experimentar."

Era verdade. As botas mágicas cresciam ou encolhiam conforme o tamanho dos pés. Por isso, serviram direitinho para o Pequeno Polegar. E lá se foi ele para a casa do bruxo. Chegou com a língua de fora, de tão cansado, e foi logo dizendo para a mulher:

— Uns ladrões pegaram o marido da senhora... *uff*... *uff*... E disseram que ele vai morrer ... *uff*... se a senhora não mandar todo o ouro que tem em casa... *uff*...*uff*... O bruxo me emprestou as botas dele e disse para eu levar o tesouro...

Aflita do jeito que
estava com a morte das
bruxinhas, a mulher
nem desconfiou de nada.
Levou logo o menino
para dentro. E os
dois juntos, num minuto,
puseram num saco tudo
quanto era coisa de ouro
que existia em casa.

O saco de ouro era do tamanho do menino. Mas ele conseguiu colocá-lo nas costas e foi embora para casa. Os pais ficaram radiantes quando ele chegou.

— Filhinho! Você voltou! — exclamou a mãe.

— E os seus irmãos? Onde estão? — perguntou o pai.

— Estão escondidos. Não se preocupem. Eu já vou buscar todo mundo — respondeu o garoto. — Por enquanto, só vim trazer este tesouro...

O Pequeno Polegar entregou ao pai todas as moedas e jóias e taças de ouro que o bruxo tinha juntado em anos e anos de roubalheira. Até as coroas das bruxinhas, que não tinham sido roubadas, estavam ali no saco.

Depois o menino foi buscar os irmãos. Reunida de novo, a família viveu rica e feliz até o fim da vida.
E nunca deixou que ninguém por ali passasse fome.